

Orfeu e Eurídice

Amós Coêlho da Silva (UERJ, UGF e ABF)

O imaginário popular relacionava Orfeu ao adjetivo grego ‘orphanós’, obscuro, ou ao substantivo ‘órphne’, obscuridade, pelo fato de ele ter descido ao Inferno, isto é, ao Hades. Uma descida ao Hades era a proeza mais desafiadora de um ciclo mítico heróico. Pouquíssimos deles a realizaram. Ulisses, além de ‘polýmētis’, ou seja, “cheio de manha e de habilidade”, portanto, realiza a sua pela ação da ‘*polýtropos*’, “*um solerte e manhoso*” em grau superlativo (BRANDÃO, 1992, 469), o destruidor de Tróia, como ele se apresentou a Polifemo, desceu ao Hades simbolicamente. Hércules, o herói exemplar nos feitos, o conseguiu pela sua própria ‘areté’, excelência. Outro que fez tal caminhada perigosa foi Enéias, mas cumpre sua heróica missão, não propriamente como *pīus Aeneas*, mas pelo auxílio da Sibila de Cumas.

Pois bem, o herói Orfeu, que tangia tanto a lira quanto a cítara, obtendo a sujeição até de animais selvagens, inclinando a copa de árvores frondosas e apaziguando os mais coléricos homens, encantou o mundo dos mortos, a ponto de conquistar a complacência de Plutão e Perséfone, que lhe concedeu retornar à luz com o seu resgate: Eurídice.

Consultemos um trecho de *As Geórgicas* de Vergílio, século I a.C., para sabermos como ocorreu isso. O Poeta propõe a narrativa através da resposta de Proteu a Aristeu: divindade marinha,

encarregada de apascentar os rebanhos de foca de Posídon. Utilizava o seu dom de metamorfose para se esquivar de interrogatório sobre seu poder oracular. Mas, se não encontrasse saída, responderia a quem o consultasse. Eis o que disse a Aristeu:

453 “Non te nullius exercent niminis irae;
magna luis commissa: tibi has miserabilis Orpheus
455 haudquaquam ob meritum poenas, ni fata resistant,
suscitat et rapta grauiter pro coniuge saeuit.
Illa quidem, dum te fugeret per flumina praeceps,
immanem ante pedes hydrum moritura puella
seruantem ripas alta non uidit in herba.

(...)

Ipse caua solans aegrum testudine amorem
465 Te, dulcis coniux, te solo in litore secum,
Te, veniente die, te, decedente, canebat.
Taenarias etiam fauces, alta ostia Ditis,
et caligantem nigra formidine lucum
ingressus Manesque adiit regemque tremendum”

(Ressentimentos de divindades não sem importância

[te perseguem:

Purificas grandes crimes: manténs sobre ti

[um Orfeu desgraçado

Sem qualquer punição em oposição ao merecido castigo,

[os oráculos não cessam,

Porque instiga e (Orfeu) se enfurece por causa

[da esposa molestada.

Ela, que há de morrer, com efeito, enquanto fugia, precipitada,

Pelas margens do rio, não viu, diante dos seus pés,

Uma feroz serpente que se conservava, no capim alto.

(...)

Ó doce esposa, ele, solitário consigo mesmo na praia,

Cantava, com a lira côncava, enquanto se consolava

[de um amor aflito,

Era a ti que ele cantava ao chegar o dia e a ti cantava

[enquanto descia

As gargantas do Hades, a profunda entrada dos Infernos

E enquanto ia se cobrindo de negras trevas,

No limiar do terror das luzes, dirigia-se aos Manes,

[ao seu rei terrível

Cujos corações não costumam se abrandar às preces humanas.)

Orfeu seduziu tão profundamente o Hades que fez cessar, durante a sua passagem, os suplícios do Tártaro: a roda de Íxion [dentre os múltiplos parentescos indicados para este rei dos lápitas, na Tessália, há o de ser neto de Zeus, que se condeu dele e o purificou quando o mesmo traiçou Dioneu, pai de Dia, a qual pretendia por esposa. Perpetrou o assassinio de Dioneu cruelmente, por isso, é o introdutor miticamente do homicídio parental. Além de brutal traição, Íxion passou a cultivar as divindades da família da

noiva, de modo sacrílego. A *hýbris* ou *hamartía* foi tão grave que não houve meio de encontrar quem quisesse purificá-lo, a não ser a interferência de Zeus, como dissemos acima.. Mas quando se apaixonou por Hera, a rainha das deusas, Zeus rechaçou tamanha afronta, alimentando-o de ambrosia, amarrando-o com serpentes como cordas e o atou a uma roda de fogo, fazendo-o girar dentro de um arco incandescente.], a tarefa das Danaides [Dânao e Egito, gêmeos, tiveram, respectivamente, 50 filhas e 50 filhos. Como os primos insistissem em casar com as primas, Dânao fingiu aceitar, mas instruiu as filhas, armadas de punhal, para assassinar os primos na noite nupcial. Todas seguiram a orientação, menos Hipermnestra, que poupou o esposo Linceu, porque o amor falou mais alto. O castigo das assassinas foi encher um reservatório sem fundos.], os trabalhos de Sísifo [o mais astuto dos mortais capturou Tânato numa prisão, mas graças à intervenção de Zeus Tânato se libertou e cumpriu missão de levar Sísifo à presença de Plutão. No entanto, pediu à mulher que não realizasse as cerimônias fúnebres e ao chegar no Hades, culpou a esposa daquele ato de impiedade e convenceu a Plutão que deveria voltar, a fim de castigar a esposa. Uma vez no mundo da luz, não regressou mais. Foi preciso Tânato vir buscá-lo. Ele empurra uma pedra morro acima, mas esta escapole todas as vezes.]

Ora, Orfeu desceu ao Hades, mas não conseguiu o que desejava porque Plutão e Perséfone lhe haviam dito para não olhar para trás. Contudo, a sua carência, a ansiedade, a impaciência, ou

como na expressão grega ‘póthos’, o imenso desejo da presença de uma ausência, o estimulou e ele olhou para trás e viu a sua Eurídice se esvaír como uma fumaça. Também Lot, em Gênesis 19, 17, 26, quando abandonou Sodoma e Gomorra com a família, foi alertado que não olhasse para trás: *salua anima tuam, noli respicere post tergam, sal tua alma, não queiras olhar para trás*. Mas a esposa do patriarca olhou para trás e, por isso, foi transformada numa estátua de sal. O sal é símbolo da purificação.

Em ambos os episódios, olhar para trás significa apego ao passado, às coisas materiais. No caso de Lot, a sua esposa não se libertara da cidade pecaminosa, condenada por Deus. Olhar para trás é uma atitude desrespeitosa e, numa participação de rituais mágicos, porque forças invisíveis não querem ser vistas, não se deve olhar para trás, senão a atuação dessas entidades sobrenaturais se banaliza.

Pelo fato de Orfeu se arriscar a olhar o que não é permitido aos olhos da condição humana, ele perdeu a sua harmonia, palavra grega que se significa “junção das partes”. A sua realização de ciclo mítico se interrompeu. No dizer de Junito Brandão, (*a segunda parte do symbolon se fora*). (BRANDÃO, 1987, 147) O que passou a simbolizar a insuficiência de força espiritual, já que não soube escolher entre uma meta sublime e outra banal. O poeta e cantor nem tangerá mais a sua cítara e nem poderá mais cantar.

Embora sua catábase seja do tipo xamânico, quer dizer, a de um mago que é ponto de partida para esconjuração e exerce a arte da cura por cerimônias fantásticas, isto é, a sua descida significa uma

morte. O iniciado morre aparentemente e do além retira sabedoria; mas ele, por ter olhado para trás, demonstrou apego ao mundo material, simbolizado por Eurídice. Um órfico se desapega da matéria. A sua transgressão se agravou, pois se trata do tabu das direções.

Nos antigos templos romanos, o sacerdote observava a direção do vôo das aves. Se voassem para a direita, o presságio era benfazejo, mas para esquerda, em latim *sinistre*, era desfavorável. Assim, o *Norte* fica do lado esquerdo do nascimento do Sol. E, por isso, seria o infortúnio. A etimologia popular relaciona *dexter*, *direito*, com *decet*, *o que é conveniente*, e *sinister*, *o que é funesto*. Junito Brandão interpreta, como eufemismo, o fato de a língua grega indicar esquerdo com ‘aristerá’, que se relaciona com ‘áristos’, o melhor, o mais nobre. Para ele, a inteligência grega teria engendrado uma fórmula de amortecimento do impacto da esquerda, das coisas sinistras.

Os pontos cardeais formam uma cruz, que é elemento de articulação mítica em muitas crenças sobre a origem da vida, morada de deuses e dos mortos. Em português, a origem dos pontos cardeais é uma herança vocabular germânica, por isso, tomemos a referência inglesa. Um outro ponto é que a cultura greco-romana é marcada pela dicotomia matriarcado-patriarcado, e, como tal, há de interpretar-se o ocidente como o lado nobre para o matriarcado e negativo para o patriarcado, porque é o lado esquerdo. Assim, como o sul é um dos lados masculinos, o leste, o nascer do sol – em latim,

oriens, -ntis, é o seu lado nobre, o que contrapõe ao *occidens, -ntis*, o que morre ou o que é começo da noite, lado propício ao feminino.

Enfim, a direita, em geral, a nossa mão mais forte, oprimiu a esquerda, como se a iniciativa dominasse o princípio passivo feminino. A claridade masculina se opõe à obscuridade. No entanto, o feminino é a fixação e condensação, porque estabelece o nascimento, que tem natureza volátil e se dissolve.

In: Salmos, 142,5, olhar à direita significa o lado bom, donde os eleitos, no Juízo Final, sentarão ao lado direito. Na Idade Média cristã, a tradição fixou o lado esquerdo como feminino e o direito como masculino.

A linha reta, que se diz em francês *ligne droite*, ou seja, *linha direita*, é materializada pela flecha (sempre que simbolizar o pensamento que conduza a luz), o raio (atributo de Zeus / Júpiter), a coluna (a solidez de prédio: e foi derrubando duas colunas que Sansão esmagou os inimigos filisteus no templo de Dagom, em Gaza, Antigo Testamento, Juízes, 16, 23), a chuva (*símbolo das influências celestes recebidas pela terra* (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1982, chuva) e a espada (estado militar com sentido de virtude, quando separa o bem do mal).

Olhar para frente é visar ao futuro. Se se olha para a direita, vê-se o bem, o progresso. Enquanto a esquerda é o caos, as trevas; para trás, regresso ao passado ou uma renúncia à verdade.

A viagem de Orfeu ao Hades foi mais que uma simples aventura. Essa prova o ingressou no mundo superior dos iniciados,

pelos conhecimentos adquiridos. Mircea Eliade, em *Mito e Realidade*, esclarece o seguinte:

Os mitos e ritos iniciatórios de **regressus ad uterum** colocam em evidência o seguinte fato: o “retorno à origem” prepara um novo nascimento, mas este não repete o primeiro, o nascimento físico. Especificamente, há uma renascença mística, de ordem espiritual – em outros termos, o acesso a um novo modo de existência (comportando a maturidade sexual, a participação na sacralidade e na cultura. Em suma, ‘abertura’ para o Espírito). A idéia fundamental é que, para se ter acesso a um modo superior de existência, é preciso repetir a gestação e o nascimento, que são porém repetidos ritualmente, simbolicamente; em outros termos, as ações são aqui orientadas para os valores do Espírito e não para os comportamentos da atividade psicofisiológica¹. (ELIADE, 1972, 76)

Ao retornar do Hades, Orfeu fundou, numa das variantes, um culto misterioso, vedado às mulheres. Só homens se reuniam lá, em uma casa fechada. Certa noite, as mulheres tomaram as armas e assassinaram Orfeu e seus fiéis. Uma outra lenda que aponta Orfeu como filho de Apolo e Calíope, relata que Calíope serviu de árbitro na querela entre Afrodite e Perséfone, por causa de Adônis, mas como decidiu que Adônis ficaria uma parte do ano com uma e a segunda parte com a outra, ganhou o ódio de Afrodite, que, por não poder se vingar em Calíope, inspirou às mulheres trácias um amor tão violento que cada uma delas ficou com um pedaço de Orfeu.

De novo Orfeu despedaçado. O despedaçamento, em grego

1. ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Tradução de Pola Civelli. S. Paulo: Perspectiva, 1972. p. 76.

‘diasparagmós’ constitui um item de cerimônia ao iniciado ou neófito em várias culturas. Ele há de renascer, como ocorreu com Dioniso, em uma forma superior de existência.

Orfeu foi um educador da humanidade. Ele conduziu os trácios do primitivismo à civilização. Foi o fundador do Orfismo, que é um movimento religioso que tem como essência a soteriologia. Há entre o Orfismo e o Pitagorismo vários pontos comuns, conforme Junito Brandão:

(...) dualismo do corpo-alma; a crença na imortalidade da mesma e na metempsicose; punição no Hades e glorificação final da psique no Elísion; vegetarianismo, asceticismo e a importância das purificações. (BRANDÃO, 1987, 151)

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega. Petrópolis: Vozes, 1986. Vols.I-III.

_____. Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega. Petrópolis: Vozes. 2 vols.

_____.Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia e Religião Romana, Petrópolis: Vozes, 1993.

_____.Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia e da Religião Romana. Petrópolis: Vozes, 1993.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

HARVEY, P. Dicionário Oxford de Literatura Clássica: Grega e Latina. Trad.de M. da G. Kury. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

HUMBERT, Jules. Histoire Illustrée de la Littérature Latine: Précis Méthodique. Paris: Didier, 1932

MOISÉS, M. Dicionário de Termos Literários. S. Paulo: Cultrix, 1974.

VERGILI. Opera. Recognovit brevique adnotatione critica instruxit Fredericus A. Hirtzel. Oxford Classical Texts, Great Britais: 1959.